



a crucificação no meio do Central Park

Réquiem para **BOTERO**, a mão de **Cristo** incarnado

O GÊNIO COLOMBIANO, que pintou a **Paixão** com dor e esperança, morreu no Múnaco aos 91 anos, tornando-se uma lenda da arte contemporânea.

A modernidade está na origem, no início. Na 'Vénus' de **Willendorf** e também em **Giotto** dando início – e volume – ao Renascimento.

FERNANDO BOTERO (Medellín, 1932 – Múnaco, 2023) olhou para eles **para fazer do exagero o eixo em torno do qual girava sua arte**. “O que me guia é a história da arte. De repente, o volume dos meus trabalhos é exagerado, mas a pintura é um exagero. Veja a cor exagerada de **Van Gogh!** “A arte é um exagero.”

Durante oitenta anos, **BOTERO** construiu uma obra pictórica – e escultórica – na qual conseguiu “ser fascinante, surpreendente, poético, terno, sensual, sereno, mas também perturbador, irônico e misterioso: tudo ao mesmo tempo”, na definição do

historiador da arte Cristina Carrillo de Albornoz. Com essa característica, “**o mais colombiano de todos os colombianos**” – como às vezes se definia – conseguiu estabelecer um estilo próprio, original, fácil de reconhecer e, acima de tudo, **extraordinariamente popular, capaz de atingir todos os públicos**. Sua formidável ética de trabalho – “parece uma locomotiva de trabalho que não para de buscar novas formas de expressão”, nas palavras de seu filho Juan Carlos – e suas constantes exposições pelo mundo o tornaram famoso.

Espírito rebelde

FERNANDO BOTERO morreu no passado dia 15 de setembro, na sua casa no Múnaco, após complicações de pneumonia. Tinha 91 anos, nunca deixou de pintar, nunca deixou de incarnar aquele “espírito rebelde” presente nas suas pinturas a óleo, pastéis, aquarelas e desenhos. Sob o verniz do humor, para além do ponto

de partida de que “a arte deve dar prazer”, a sua paixão pela história da arte – as suas famosas releituras de obras-primas – e a sua inalienável coerência estética, BOTERO quis – e soube – criar uma obra **em onde o dramático ocupa um lugar primordial**.

É neste cenário que vivem as suas pinturas sobre a violência do Estado e a denúncia da guerra, como a série sobre a tortura de prisioneiros muçulmanos em Abu Ghraib ou, muito antes, aquela série chamada “*A dor da Colômbia*”, entre outras, em que **não queria dar as costas ao “grande drama”, ao desgosto e à angústia do tráfico de drogas, das guerrilhas e dos paramilitares**.

Nesta decisão de refletir o drama contemporâneo, insere-se também a sua visão da “***Paixão de Cristo***”, as obras pintadas entre 2008 e 2011 em torno da *Via Sacra*, uma série de 27 pinturas a óleo e 34 desenhos que expôs

pela primeira vez em 2012 na Galeria Marlborough em Nova York e que doou integralmente ao Museu de Belas Artes de Antioquia, em Medellín. “***Sou cristão e, embora duvide de muitas coisas, a ideia de Cristo como a ideia de Deus persiste sempre no cérebro. Como artista, não posso aceitar isso. Tenho que fazer isso com a admiração que tenho pelo homem extraordinário***”, explicou então. “***Eu diria***”, acrescentou mais tarde, “***que a crucificação é a coisa mais dramática que já existiu***”.

Reflexão do drama contemporâneo

A origem deste encontro com a ***Paixão*** reside na sua tentativa de refletir o drama contemporâneo, porque a sua obra não era – longe disso – comédia. “*Trabalhei com a violência na Colômbia, com a tortura em Abu Ghraib. Agora, precisei expressar novamente um tema*

*dramático e **apareceu a “Via Crucis”**. Não expresso nenhuma sátira, nem nenhum humor, como às vezes faço nas minhas pinturas. **Expresso a violência com que ele lutou contra a divindade de Cristo. Apresento a ideia de um homem que produziu uma grande revolução, de um ser admirável por sua filosofia, mas tentando evitar a divindade. A Igreja inventou muitos mitos em torno de Cristo e da***

Virgem”, explicou. A visão de BOTERO ultrapassa as catorze estações e também as incorpora – como fez o Renascimento – nas paisagens de Medellín e Manhattan: há o beijo de Judas, Pôncio Pilatos, o caminho do Calvário, a coroa de espinhos, a crucificação no meio do Central Park, a dor da Virgem, o enterro... Ele ousou, admitiu a sua indiscutível paixão por Cristo, uma anomalia contemporânea.

JUAN CARLOS RODRÍGUEZ. In *Vida Nueva*, Revista nº 3.333, de 23-29 de set-2023.



Escultura “*Maternidade*”,
Fernando Botero, Jardim Amália-
Lisboa.